

e-books  
NÚCLEO DE FORMAÇÃO

Mito, Linguagem e  
**Mídia**

3



Copyright © 2020 Brasil Paralelo  
*Os direitos desta edição pertencem a Brasil Paralelo*

**Editor Responsável:** Equipe Brasil Paralelo  
**Revisão ortográfica e gramatical:** Equipe Brasil Paralelo  
**Projeto de capa:** Equipe Brasil Paralelo  
**Produção editorial:** Equipe Brasil Paralelo

---

Morgenstern, Flávio

Mito, linguagem e mídia: Aula 3

ISBN:

1. Mito 2. Linguagem 3. Mídia

CDD 400

---

Todos os direitos dessa obra são reservados a Brasil Paralelo.  
Proibida toda e qualquer reprodução integral desta edição por qualquer meio ou forma, seja eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução sem permissão expressa do editor.

Contato:

[www.brasilparalelo.com.br](http://www.brasilparalelo.com.br)

[contato@brasilparalelo.com.br](mailto:contato@brasilparalelo.com.br)

## **SINOPSE**

Neste penúltimo *e-book* do curso “Mito, Linguagem e Mídia”, com Flávio Morgenstern, descobrimos como surgiu a história, entendemos como houve a perda da filosofia, e mergulhamos em uma nova visão acerca da mídia, a partir da compreensão de que, hoje, de certa forma, estamos revivendo o mundo mitológico indo-europeu.

## **OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM**

Ao final desse *e-book*, espera-se que você seja capaz de identificar: o que é linguística e quais os problemas que ocasiona na modernidade; como a filosofia se perdeu; a relação da sociedade mitológica com a sociedade moderna; por que há uma deterioração do mundo filosófico hoje; o que é a mídia e qual sua função na sociedade.

## **PEQUENA REVISÃO**

O estudo da linguagem é um tema muito vasto, em que não há, praticamente, diálogo. Ao longo do tempo, os autores que se aventuraram nesta área desenvolveram teorias próprias.

A linguística estrutural suíça foi criada por Saussure, cujo primeiro livro foi publicado postumamente, em 1913, um ano antes da Primeira Grande Guerra. Concomitantemente, nos Estados Unidos, Charles Peirce desenvolvia a teoria semiótica. Embora ignorassem a existência um do outro, estes homens estavam recriando a linguística.

A linguística estrutural e a teoria semiótica não apresentam quaisquer intersecções, a ponto de ser inviável estabelecer até mesmo uma discordância entre ambas. Ainda que lidassem com uma fração do mesmo objeto, Saussure e Peirce o fizeram de maneiras completamente distintas. Tal situação, de incompatibilidade teórica, pode ser amplificada para todo o desenvolvimento da linguística.

No *e-book* anterior, antes de abordamos a linguística, salientamos a relação existente entre filosofia e linguagem. Ademais, enfatizamos o caráter fundamental do trabalho socrático como forma de alcançar conceitos. O mundo da filosofia, do meu ponto de vista, é o mundo conceitual, em que se está além da *doxa*, além da mera opinião. Com a filosofia, busca-se um pensamento mais sólido, a fim de que seja possível saber, a partir de um processo individual, o que é verdade. Embora utilizasse

os mitos gregos constantemente, este foi o trabalho que Sócrates desenvolveu por meio da razão e da argumentação, sem qualquer revelação. Simultaneamente, Sócrates apresentou ao mundo grego a ideia de um monoteísmo, afirmando que, apesar de todas as referências, quando se pensa racionalmente, é possível chegar a um Deus, a uma entidade absoluta acima de todas. Além disso, Sócrates começou a criar conceitos basilares ao fazer a pergunta primordial da filosofia: “o que é isso?”.

O desenvolvimento do método socrático, sobretudo na filosofia medieval, a partir dos filósofos da patrística e, muito mais especificamente, da escolástica, fez com que esses conceitos fossem trabalhados por meio das artes liberais (lógica, gramática, retórica). Vale ressaltar, uma vez mais, que a gramática, nessa época, apresentava um sentido diverso do atual, e expressava a busca por utilizar a palavra correta no lugar correto. A base fundamental do aperfeiçoamento filosófico deixou de ser o diálogo com o outro, e foi substituída por um diálogo e uma argumentação interiores daquilo que Sócrates fazia. A primeira aplicação desse modelo foi feita por Santo Agostinho, que escrevia na forma de diálogos, imitando Platão.

O grande problema é que todo o desenvolvimento da filosofia medieval se perdeu a partir do renascimento e com a própria filosofia medieval tardia. Esta centrou seus esforços em discussões ditas bizantinas, ou seja, em assuntos nos quais não se podia chegar a conclusões precisas, como, por exemplo, o sexo dos anjos. Na filosofia moderna, isso se perdeu de uma maneira brutal e houve a retomada dos estudos sobre linguagem, sobretudo no romantismo alemão.

O romantismo alemão não se desenvolveu estritamente na Alemanha, tendo estado presente em Viena e em uma parte da Suíça. O termo alemão foi usado para indicar a língua em que foi realizado. Os partícipes desse movimento tinham um interesse profundo no aprendizado de outros idiomas, a ponto de estudarem até mesmo línguas antigas.

O romantismo também se manifestou na Inglaterra, contudo, com outros contornos, pois os ingleses não estavam tão preocupados com as traduções. Até hoje, esse país é caracteristicamente monoglota e o inglês típico não costuma ter afeição pelo estudo de outras línguas.

Posteriormente, houve o desenvolvimento da linguística que, enquanto ciência, avalia o uso das palavras. Isso causa um problema muito sério porque, quando se busca a essência, está-se justamente fugindo do uso corrente. Por exemplo: as pessoas utilizam a palavra justiça de uma maneira que não é conceitual,

precisamente por não possuírem um conceito de justiça. Assim, o discurso das pessoas é completamente “desconceituado”.

Neste *e-book*, nosso foco se volta para a mídia. E, como tudo na vida, precisamos retornar à Grécia Antiga.

## **AS SOCIEDADES MITOLÓGICAS**

Um de nossos propósitos, com este curso, é alcançar um espaço de pensamento mais elevado a respeito da mídia. Para isso, iremos estudá-la a partir de alguns exemplos que são didáticos.

No passado, as sociedades, como um todo, eram mitológicas ou aurais. Nestas, o mito era o único mecanismo para explicar a vida e a realidade. Uma vez que todos acreditavam no mito, essas sociedades perduraram por milênios. Como a sociedade inteira estava baseada em um ciclo fechado, era difícil corrompê-lo.

Há grandes debates entre filósofos para compreender como a Grécia, mais especificamente Atenas, conseguiu ser uma sociedade que rompeu com isso. Questiona-se se foram aspectos típicos dos mitos gregos ou se houve alguma influência externa. Há, também, debates para entender como esse rompimento gerou a filosofia e por que outras sociedades, como as nórdicas, não a desenvolveram.

Essas sociedades mitológicas estão em um momento a-histórico e não pré-histórico. O pré-histórico assinala a existência de uma história cronológica cujo passado não apresenta escrita, o que impede o conhecimento pleno do que aconteceu. Para averiguar o pré-histórico, recorre-se à arqueologia e a alguns dados que não estão escritos e que, portanto, não são auto evidentes. Isso torna o trabalho interpretativo, de datação aproximativa. Ou seja, não há uma cronologia perfeita. É a isso que chamamos de pré-história. O a-histórico das sociedades mitológicas, por sua vez, denota a inexistência do desenvolvimento histórico.

## **O SURGIMENTO DA HISTÓRIA**

O desenvolvimento histórico principiou com os pré-socráticos e os sofistas, sendo Sócrates o responsável por criar o que podemos denominar de historiografia. Na Grécia, surgem os primeiros historiadores, como Tucídides. A Guerra do Peloponeso, por exemplo, é muito bem documentada. Entretanto, ainda é mitológica, uma vez que referências à mitologia são contínuas nos livros. Nesse processo, desenvolveu-se um novo tipo de literatura, chamada de literatura histórica, em que

constam cronologias. A partir desse momento, passou a existir uma relação diferente com o tempo, sobretudo com o presente. São feitas anotações, a fim de informar as gerações futuras sobre o que estava acontecendo naquele momento. Por isso, costuma-se dizer que a história começou na Grécia.

Eric Voegelin aponta outro momento para o surgimento da história: com a revelação, em Israel, pois esta estabeleceu uma separação entre divindade e o tempo presente. O mundo do mito é circular<sup>1</sup>, portanto, há uma relação diferente com o tempo presente. A ideia que essas sociedades mitológicas fazem de tempo não é linear<sup>2</sup>. O mundo dos indo-europeus é um tempo extremamente circular. Tanto que o tempo é sempre representado por meio de círculos. Embora os acontecimentos nessas sociedades possam ser localizados no tempo, seus homens não viviam com base nessa referência temporal. Ou seja, eles não vivem no conceito de história de Eric Voegelin. A criação do mundo linear é feita pelos hebreus, com a ideia de que o mundo começa, desenvolve-se historicamente e chega ao fim algum dia. Logo, para Voegelin, são dois os momentos que marcam o início da história: a revelação aos hebreus e o surgimento da filosofia, pelos gregos.

O que aconteceu de diferente no mundo hebraico? O que aconteceu com a revelação? Há uma relação específica com a história.

A Bíblia não começa historicamente. Não há sequer clareza se o Éden está no mundo físico ou não, apesar de sua delimitação, entre dois rios, ser mencionada. Há o desenvolvimento das gerações, que são catalogadas. Essa catalogação é um ponto importante para os hebreus, pois, com isso, apontam uma relação com a divindade e uma relação com os seus antepassados que tiveram uma relação com a divindade. A partir do momento em que Moisés sobe para o Sinai, ele volta com a tábua das leis. Com a tábua das leis, há uma espécie de formalização daquilo que Deus espera dos seres humanos. Essa formalização causa um novo tipo de comportamento coletivo, que podemos chamar de história. Nos outros mitos, continua-se nesse momento circular. Acredita-se que um raio que caiu foi enviado por Tupã ou Thor. No mundo hebreu, isso deixa de acontecer, porque se entende que a divindade, que conversou com Moisés no Sinai, está observando as pessoas de fora. A história está transcorrendo linearmente nesse mundo. Isso dá início ao que conhecemos como

---

<sup>1</sup> Estamos falando sobre isso porque a mídia está destruindo a nossa relação com o tempo presente. Ou seja, posteriormente, chegaremos à mídia.

<sup>2</sup> Sobretudo dos mitos indo-europeus, do Irã até a Índia, passando por toda a Europa.

história, hoje. Repare que os livros sagrados e mitológicos dos outros lugares não apresentam cronologias.

Sócrates finda o mundo mitológico e dá origem ao mundo filosófico. Este, o mundo dos conceitos, está se perdendo no mundo moderno, por causa das ideologias. As ideologias fazem com que nós falemos palavras elevadas, empoladas, supostamente importantes, sem que nós entendamos o que elas significam e qual foi seu desenvolvimento historicamente. Onde essa palavra começou e quem a pensou antes de nós.

Disso decorre um problema muito sério, porque nós usamos palavras o tempo todo sem saber qual é o seu desenvolvimento. Isso significa que alguém está pensando por nós. Toda vez que usamos uma palavra com toda a paixão no debate público, sem sequer conhecer quem a inventou, nós estamos usando uma palavra, um conceito e, às vezes, uma palavra que não é um conceito, entregando-a para alguém que tem um mito próprio, que desconhecemos. Mito é sempre fundador. O mito funda um comportamento, uma sociedade, determinando quais vão ser os limites etc...

No século 19, as ideologias ainda eram incipientes em relação aos tempos atuais. No mundo moderno, existe o tempo cronológico e escatológico<sup>3</sup> da Bíblia, devido a uma influência judaico-cristã<sup>4</sup>, e, concomitantemente, temos resquícios desse tempo mitológico de algumas outras sociedades.

Os românticos alemães pesquisaram as sociedades antigas, inclusive da própria Alemanha. Isso engendrou o ressurgimento de algumas ideias pagãs. Dentre elas, a ideia de tempo cíclico. Há o desenvolvimento de várias das novas religiões, pseudo-religiões, pequenas religiões, do que chamamos de Nova Era, que pensam em tempo cíclico. Espiritismo é o caso mais claro no Brasil. Levada mais a sério, tem um grande percentual de adeptos entre os brasileiros. O espiritismo usa o tempo cíclico, pois não acredita em início, meio e fim. Hoje, experimentamos essas duas influências.

Tivemos influências que não são só hebraicas, mas também indo-europeias. Esse indo-europeu do tempo cíclico. Toda a sociedade indo-europeia é baseada na

---

<sup>3</sup> Escatologia, em termos filosóficos, é a ideia de que o mundo começa, se desenvolve e termina. O término é a escatologia, o fim de tudo, o fim dos tempos, literalmente. Quer dizer, o tempo deixa de existir e se terá algo que está fora do tempo, algo imaterial.

<sup>4</sup> Tanto judeus quanto cristãos possuem a mesma visão em relação ao tempo.

ideia de três classes sociais. Estas não são classes sociais marxistas, mas sim em termos de funções que se tem na sociedade. A primeira é o camponês, que cuida do trabalho manual; a segunda é o rei, que normalmente é o rei mago. Por isso, quando falam do passado, todas essas sociedades falam em termos mitológicos. Aquilo que vai virar deuses, heróis. Esses deuses têm poderes mágicos; poderes, sobretudo, diplomáticos. O principal poderio de um rei, de domínio, não envolve somente o reinado que exerce sob o próprio povo, mas as relações que tem com os povos vizinhos. O rei, quando se torna um grande rei, geralmente é porque teve poderes diplomáticos. A terceira classe é o sacerdote, que vai ser o grande intelectual. Ele vai contar os mitos, histórias e vai determinar o que é o passado. Um passado, como dito, não-histórico, que não é possível precisar quando aconteceu e se ocorreu de fato ou não. Não há uma relação clara entre mito e verdade.

Uma das principais distinções que vai acontecer no mundo hebraico é que o mundo político se desenvolve com um símbolo específico, enquanto o mundo da divindade é outro. No mundo indo-europeu, ainda mitológico, antes da filosofia, o rei e o mito são a mesma coisa. Por isso, todas essas sociedades criaram deuses. Provavelmente, algum grande fato de algum homem do passado foi entendido como mitológico, incorporado à mitologia, criando uma narrativa. Geralmente, as narrativas são belíssimas. Mitologia é uma coisa linda de ser lida. Mas você se questiona: como isso aconteceu de fato? O que disso é verdade? É isso que Sócrates começa a desenvolver.

Então, é com os hebreus que o mundo civil, político, será entendido como um símbolo. O mundo de Deus é outro. Os primeiros cristãos, que posteriormente se tornaram santos, começaram a evangelizar Roma a partir da região da Palestina, hoje Israel, que era uma província do Império Romano. Estes homens foram martirizados porque não reconheceram o caráter divino do imperador. O Imperador Adriano exigiu que um santo da igreja, recém-convertido, se curvasse para ele para reconhecê-lo como um deus. No entanto, o santo reconhece-o como imperador, mas não como deus. Lembre-se da frase de Jesus: “A César o que é de César, a Deus o que é de Deus”. Ou seja, havia duas instâncias que estavam sendo tratadas como uma só. Isso é chocante para um romano, porque, para ele, César e Deus são a mesma coisa. Para Adriano, se ele era imperador, ele era um rei, ele era um deus. O caso mais claro disso são os faraós. Cada um dos faraós era um deus e a ele eram atribuídos poderes divinos. Ao pensar o político como divino, você está pensando como egípcio.



Naquele país, o faraó foi literalmente tratado como um deus. É possível explicar o mundo político de hoje com muita facilidade, entendendo isso.

## **O MUNDO INDO-EUROPEU NO PRESENTE**

Neste mundo indo-europeu que está sendo convertido, há três instâncias. O mundo moderno de hoje quer tentar reviver um pouco dessas três instâncias<sup>5</sup>. Há o trabalhador, o rei/líder/presidente/ditador, e o sacerdote. O sacerdote do mundo indo-europeu, atualmente, seria a mídia e o intelectual. Há um conflito entre duas visões de mundo. A mídia está exatamente, no mundo moderno, exercendo a função do sacerdote.

O sacerdote, naquela época, tinha uma miríade de funções, que hoje batem à perfeição com o que a mídia faz. Sacerdote era para quem você ia se confessar. Hoje, o confessor é uma medida pública. Evidentemente, isso não é feito conscientemente. As pessoas simplesmente “botam para fora”. É o papel do jornalista. Repare como a faculdade de jornalismo atrai pessoas que querem não reportar o mundo, mas sim guiar o mundo. O que antes atraía as pessoas para serem padres, está hoje atraindo as pessoas para o jornalismo. Executa-se a mesma função. Portanto, tem-se uma mídia sacerdotal. A mídia não tem mais a função de reportar. Inclusive, a própria palavra repórter sumiu de nosso vocabulário corrente nos últimos 10 anos, sendo substituída por jornalista. O repórter não é um trabalho sacerdotal, pois está além desta função de guiar as massas, ser o grande exemplo e de conter a verdade. Ou, pelo menos, uma verdade mitológica, aquilo em que todo mundo acredita. Aquilo que é o mundo circular. Não se está no tempo histórico<sup>6</sup>.

As grandes reportagens do Brasil foram quase todas feitas pela Veja, que abarcava um trabalho sério de reportagem. Hoje, a Abril foi à falência. Foi comprada pela BTG, do André Esteves, que está envolvido na Lava Jato. Com isso, a Veja deixou de fazer reportagens investigativas e se voltou para o jornalismo, tornando-se novamente sacerdotal, equiparando-se aos outros veículos de comunicação. A única

---

<sup>5</sup> O socialismo tem um pouco dessa visão.

<sup>6</sup> O socialismo tem uma visão da história com começo, meio e fim, sendo o fim da história correspondente ao socialismo. Essa visão é escatológica, mas é uma escatologia fechada. Quando houver socialismo, não é mais preciso ter história. A história dialética de Hegel deixa de existir. As pessoas vão viver na função triclassial. Os homens vão trabalhar, o sacerdote vai ter a função de guiar e o líder vai ser o líder.

grande mídia que tínhamos, que fazia algo além de ser sacerdotal, se perdeu de uma semana para outra.

O mundo da mídia é um mundo ideológico, pautado por discussões sobre grandes temas como democracia e feminismo, em que, ao mesmo tempo, quer-se guiar toda a sociedade, sendo relevante para esta e voltando ao tempo cíclico. A mídia quer chegar a uma sociedade perfeita, fechada, onde tudo esteja ordenado e que permanecerá para sempre. Inclusive, começa a criar novos deuses.

Objeta-se que, ao contrário das sociedades indo-europeias, as sociedades atuais não têm deuses ou trabalhadores. No entanto, é preciso estar ciente de que isso é uma atualização tecnológica, mas que os termos permanecem. Como falado, o sacerdote, hoje, não é mais, necessariamente, a pessoa que funda uma religião. Ele tem muito mais relação com o jornalista, do que com a pessoa que criou uma religião pequena. Está-se voltando ao mundo de divisão tripartite, triclassial, na sociedade.

Isso nos mostra uma das relações perniciosas da mídia com o poder. Temos uma visão de que a mídia noticia. Por que chamamos a mídia de mídia? Essa é uma das questões mais fundamentais. Mídia é meio. Quem controla o meio, controla a narrativa. É mais importante chamar a mídia de mídia, pois é mais importante ter o controle do meio do que, necessariamente, ter a imprensa, ou seja, estar impresso. Com o mundo cada vez mais digital, ter uma mídia digital importa muito. Toda grande revista tem um grande site. A mídia, atualmente, é a nova religião, uma grande religião invasora.

Como a mídia faz todo esse papel sacerdotal? Por meio da ideologia. A mídia usa palavras vazias, em um mundo está desconceituado. Quando se tem, sobretudo, uma mídia que tem uma relação específica com o poder, quer dizer que você trata o trabalhador como uma classe específica, fechada, que não precisa pensar em nada historicamente, que não tem importância de desenvolvimento, por exemplo, pessoal, de uma vida. Isso é coisa para o rei, para quem vai virar político.

O político, hoje, é percebido como o homem que sofreu, que veio do semiárido, que cresceu e se desenvolveu. Um exemplo disso é o trabalho que está sendo feito com a Tábata Amaral. Ela tem esse mesmo desenvolvimento. Ela não é para ser trabalhadora, é para ser política. Essa é a visão da mídia. Se você tem um mínimo de individualidade, vira político. Você não é mais um trabalhador. Você não pertence mais àquela massa. Essa massa precisa ser guiada, não precisa mais ser informada.

Informação é algo para o tempo linear. É no tempo linear que você precisa de informação, você precisa saber o que está acontecendo com o mundo, o que está mudando. A única mudança com a qual a mídia se importa são as mudanças progressistas: mudança de comportamento sexual, de tecnologia. Boa parte da tecnologia é vista a partir da perspectiva de que é preciso explorá-la para continuar com o papel sacerdotal nas novas redes sociais.

A mídia tem uma importância enorme hoje, mesmo quando ela não tem público, porque ela ainda é o sacerdote. Essa autoridade que a mídia tem vem do lado sacerdotal. Nós não nos livramos desse esquema tripartite: ainda estamos buscando um rei, e o rei escolhido pela mídia é tratado de maneira semidivina. Um caso muito fácil para compreender isso é o de Barack Obama, para a grande mídia brasileira. Nenhum de seus escândalos foi divulgado.

No próximo *e-book*, estudaremos como a mídia cria narrativas com ideologia na mídia digital.

## **PERGUNTAS**

1) Por que a partir do momento em que Moisés recebeu a Tábua das Leis, no Sinai, o tempo deixou de ser cíclico e se tornou linear?

Resposta: Porque você teve uma visão diferente da divindade. Enquanto se está no paraíso, a divindade está próxima e tudo está sendo criado nesse momento. Todos os grandes acontecimentos mitológicos, grandiosos, que ouvimos da Bíblia, despertam a impressão de que um grande milagre acontece a cada duas semanas. A partir do Sinai, desenvolve-se um novo estilo, inclusive narrativo literário, da Bíblia, em que a divindade está lhe observando. Ela está observando seu povo entre outros povos. Ela concedeu a revelação para o seu povo, mas naquele momento você começa a ter o evangelismo, ou seja, a religião deixa de ser étnica. Supostamente deveria ser. No entanto, há muito efeito tribal em Israel, até hoje, com o judaísmo e as 12 tribos. Tem muitos resquícios, apesar do judaísmo não ser uma religião tribal, ao contrário do que se pensa.

Há o desenvolvimento histórico, pois começa um novo momento, em que se tem uma relação com essa divindade, enquanto os outros povos ainda estão no mundo do mito, no mundo auroral, no mundo em que é tudo circular. Quando você

tem isso, você pode justamente evangelizar. Ou seja, afirmar que o mito, no qual outros povos estão inseridos, é mentiroso. Ele não é tão verdadeiro quanto parece.

Voegelin aponta que, na revelação, há uma separação de símbolos. Antes, em todas aquelas sociedades do mundo antigo, o símbolo, para o mundo civil - esse mundo em que nós estamos, da discussão, do discurso público - e para o mundo mitológico, era o mesmo. Eles estavam unidos. Para se ter uma ideia, há resquícios disso no mundo de hoje. Trovão, em inglês, é *thunder*. O nome do deus trovão da mitologia nórdica é Thor. Ainda temos, portanto, resquícios de algo que era um símbolo da natureza, às vezes, um símbolo do mundo físico, que ao mesmo tempo é símbolo do mundo mitológico.

Quando ocorre a revelação, é a primeira vez em que há uma separação definitiva, em que há um símbolo para o mundo civil e um símbolo diferente para o mundo mitológico. Tudo deixa de ser Deus para os hebreus. Houve uma dessacralização do mundo. Apesar de Deus ser onisciente, ele está fora do mundo. Ele está além do mundo. E este é um ponto muito importante para entendermos o mundo de hoje e o que está acontecendo com essa visão que temos a respeito do presente, de hoje. Atualmente, alguns desses símbolos mitológicos estão voltando.

## 2) Quando a mídia se torna o sacerdote da sociedade?

Sobretudo depois do final da Primeira Guerra. Antes da Primeira Guerra, tudo era monarquia, um regime cuja discussão política acontece de forma fechada. Na monarquia, decide-se contra quem se fará guerra, com quais países serão feitos acordos comerciais. A população está lidando com outras questões. A literatura desenvolvida na modernidade, considerada desde o renascimento para cá, desenvolve-se de uma maneira brutal, maravilhosa, muito avançada, com temas que não são políticos.

Após a Primeira Guerra, até a questão do *déficit* e do *new deal* passaram a ser discutidas em público. São apenas dois exemplos de discussões que são, evidentemente, técnicas. Percebe-se que a população não está ficando, de fato, mais inteligente com isso. A população tem muito ruído, mas não tem informação fechada, com começo, meio e fim, com uma estrutura de argumentação. Como consequência, as pessoas têm opinião sobre uma série de fatos os quais não compreenderam direito.

Com o fim da monarquia, instaura-se a democracia, que, por definição, é a era da massa, a era da opinião pública. Joga-se a discussão, que pertencia a um grupo seletivo, para toda a população, para que esta decida, porque são, no máximo, 8 anos de mandato e é preciso o voto popular.

Hoje, o debate público não cita livros de literatura, de ciência política, de filosofia. Apenas aborda acontecimentos de seis meses para trás. Você saber história é saber 20 anos para trás e ter uma impressão sobre aquilo.

Além de acabar com a monarquia, a Primeira Guerra também acaba com o estado confessional, pois o Estado se torna laico. Deste, a Igreja não pode mais ter essa influência, retira-se a função do sacerdote, com a criação de uma Constituição.

3) Por que a mídia, com seu papel sacerdotal, retorna ao ciclo místico?

O tempo cíclico é como se fosse um presente eterno. No mundo cronológico, há diversas possibilidades de ação. A mídia, quando pensa em um sistema hoje, quer criar um presente eterno, não quer esse desenvolvimento. Não há discussão na mídia, atualmente, sobre o sistema que devemos adotar. É apenas democracia e acabou. A mídia coloca certas questões como inquestionáveis, como as cláusulas pétreas da Constituição. Ela determina o que é o debate público, encerra-o, tornando-o circular, não vai para frente.